

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: COMO E O QUE SE APRENDE? DE QUE SABER SE TRATA?

Juliana Fonsêca de Almeida Gama (1) Maria Cristina Maia de Oliveira Fernandes (2)

(1) *Universidade Católica de Pernambuco (julianafgama@hotmail.com)*

(2) *Universidade Católica de Pernambuco (cris_maia@uol.com.br)*

Resumo: A conjunção “psicanálise e educação” já conheceu inúmeras formas. Inicialmente foi dirigida à psicanálise a esperança e o dever de responder ao não sabido da educação, sob o entusiasmo de uma possível nova pedagogia. Mas, logo se percebeu que essa esperança era pouco realista. Passou-se, então, ao repúdio, justo por a psicanálise trazer o real da impossibilidade do querer educar alguém, à frente do desejo desse alguém de deixar-se educar. Além disso, a psicanálise chamava a atenção para o fato de que, ao ofertar um saber ao outro, não se sabe que saber chegará a ele, de que saber se trata, nem o que com esse saber será feito. A psicanálise passou a por em evidência, portanto, dentre outras coisas, a proposição de que há conteúdos que nos escapam e estão além da educação institucionalizada e do planejamento. Chegando a atualidade, após uma longa histórica, vê-se, enfim, a psicanálise adentrar decisivamente nas discussões sobre a educação e seus desdobramentos, trazendo profundas elaborações crítico-reflexivas sobre as urgências, as faltas e as angústias que assolam os sujeitos e, portanto, a realidade educacional. Apesar das idas e vindas dessa relação, algo se manteve firme: a necessidade, exposta pelos educadores e demais envolvidos com a temática e o contexto, de se pensar e lançar um olhar diferenciado àquilo que parece sempre escapar nas tentativas transmitir e fixar um saber, seja no ensino e/ou na aprendizagem, ainda que sejam realizados inúmeros planejamentos e sejam repetidas todas as lições. Pensando nisso, a psicanálise apresenta um olhar para o inconsciente e, assim, para os sujeitos que compõem a educação, anunciando um não-saber necessário ao saber educacional, que lhe lembre do que lhe sustenta: o desejo. Ainda que se saiba de todo o conteúdo, haverá sempre algo que não sabemos: o outro e o seu desejo. Será, então, que aquilo que se ensina é igual àquilo que se aprende? Com essa pergunta, esta pesquisa teve como objetivo geral promover uma discussão sobre as contribuições e olhares ofertados pela psicanálise à educação, visando contribuir para a formação dos educadores e docentes que se somam a atual realidade educacional brasileira. Visando o alcance desse objetivo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica baseada em revisão de literatura, tanto no que se refere à história e aplicação da psicanálise, quanto sobre sua relação com a educação.

Palavras-chave: Psicanálise; Educação; Saber; Desejo.

1. INTRODUÇÃO

A conjunção “psicanálise e educação” já conheceu inúmeras formas. Inicialmente, esse encontro foi marcado por um forte otimismo que assolou o movimento psicanalítico na década de vinte, confiante nos auspícios de uma educação psicanaliticamente esclarecida (REVISTA DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, 1995). Foi, então, dirigida à psicanálise, nesse primeiro momento, a esperança e o dever de responder ao não sabido da educação, sob o entusiasmo de uma possível nova pedagogia. Mas, rapidamente, com o aprofundamento da pesquisa psicanalítica, se percebeu que essa esperança era pouco realista.

Logo em seguida, passou-se ao seu repúdio e insistente resistência às questões propostas como advindas do inconsciente. Tal repúdio veio à tona não pela quebra de expectativas, mas justo por a psicanálise trazer o real da impossibilidade do querer educar alguém, à frente do desejo desse alguém de deixar-se educar. Além disso, a psicanálise chamava a atenção para o fato de que, ao ofertar um saber ao outro, não se sabe que saber chegará a ele, de que saber se trata, nem o que com esse saber será feito.

Naquela época, a descoberta freudiana de tal instância psíquica, o inconsciente, e suas consequências, deixou a comunidade médica, educacional e científica, no geral, perplexa e surpresa, uma vez que, partindo da lei do inconsciente em si mesmo, passou a afirmar que aquilo que surpreende o homem e o deixa desarmado com um sentido desconhecido, opera sobre o sujeito por meio de uma irrupção inesperada, em desarmonia, e isto está além das outras leis sabidas, jurídicas, governamentais e pedagógicas. A psicanálise passou a por em evidência, portanto, dentre outras coisas, a proposição de que há conteúdos e instintos que nos escapam e estão além da educação institucionalizada e do planejamento. Nesta fase, firma-se a constatação psicanalítica de que educar é uma profissão da ordem do impossível¹.

Tal afirmação aponta, sobretudo, os limites da ação educativa, fazendo lembrar ao educador que seu instrumento de ação não é assim tão poderoso como supunha, ou seja, não há tanto controle possível quando se trabalha com sujeitos do inconsciente e mais, quando se trabalha com a fala e se é também um sujeito. Ainda que se faça esse esclarecimento, fala-se em Freud como um antipedagogo, pois se colocou a questionar a possibilidade de promover uma educação pura e simplesmente implicada no desejo próprio de cada professor de que uma

¹ “Em um primeiro estágio, aceitei o *bon mot* que estabelece existirem três profissões impossíveis — educar, curar [psicanalisar] e governar —, e eu já estava inteiramente ocupado com a segunda delas” (FREUD, 2010, v XIX)

educação acontecesse, concluindo aí a impossibilidade. As limitações do trabalho pedagógico decorreriam, para Freud, da própria complexidade da psique, dos muitos obstáculos interiores ao processo de amadurecimento, do conflito entre o desejo individual e das exigências da vida em comunidade.

Mas, ainda que cada ponto fosse explicado, várias acusações foram imputadas à psicanálise, na época, mal compreendida. Segundo Kupfer (2005), ao falar em impossível, Freud não apontou nada como irrealizável, mas indicou, principalmente, a ideia de algo que não pode ser jamais integralmente alcançado, embora o domínio, a direção e o controle estejam na base de qualquer sistema pedagógico. Freud discutiu, pois, o fato de que pedagogia e psicanálise falam “línguas” diferentes, porque partem de concepções divergentes de sujeitos.

Contudo, mesmo com todos os apontamentos e críticas, Freud acalentava o sonho de que um dia a Psicanálise pudesse ser colocada a serviço da sociedade como um todo e, principalmente, da educação (KUPFER, 2005). E assim é que, “passado”² esse período de repúdio mais intenso, chegamos a atualidade, em que a psicanálise adentra decisivamente nas discussões sobre a educação contemporânea e seus desdobramentos, trazendo profundas elaborações crítico-reflexivas sobre as urgências, as faltas e as angústias que assolam os sujeitos e, portanto, a realidade educacional.

Estamos, aos poucos, nos dando conta de que, de fato, algo escapa ao nosso planejamento, algo parece estar fora da “ordem”. E o que seria isso, senão as questões inconscientes?

O mais interessante de todo esse movimento é que Freud não pretendeu ocupar-se do tema da Educação em si, ainda que este seja recorrente em várias de suas obras, sendo alvo de profundas, ainda que breves reflexões por parte do autor. Não se dedicando detidamente ao tema da educação, Freud afirmou que o deixou ao encargo de sua filha, Anna Freud, que, segundo ele afirma, compensou a *falha* paterna (REVISTA DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, 1995). A fala de Freud, nesse caso, sobre a “falha”, ilustra bem aquilo que ele fez questão, tanto ao falar sobre os métodos educativos, quanto ao abordar a formação do psicanalista: o fato de que, ao ensinar, o que se transmite é, justamente, o que falha, mais além de um saber (REVISTA DA ASSOCIAÇÃO

² Atualmente, apesar dessa presença reconhecidamente mais forte e possível, ainda são muitos os psicanalistas e educadores que negam a possibilidade de existir uma psicanálise aplicada à educação, entendendo-se aí a impossibilidade de construção de métodos e instrumentos de trabalho de inspiração psicanalítica que se aplicam a situação de ensino propriamente dita.

PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, 1995) e, por isso, seja no passado, seja no presente, algo sempre parecerá fora da “ordem”.

Sobre isso, poderia ser dito ainda mais: o que se transmite é um saber não sabido em si mesmo, mas sempre suposto. O que se transmite é um desejo, mais além de um texto lido, de lápis no papel ou uma marca no quadro. O que se transmite é fruto de um mal entendido, caráter primário da linguagem, quando entendemos que entre aquilo que é dito, por exemplo, pelo professor, e o que o outro, aluno, consegue decifrar, há sempre uma hiância, um espaço, uma distância, ou melhor, há sempre um sujeito diferente de mim que lerá, trabalhará, elaborará e sofrerá os efeitos da linguagem de uma forma que lhe muito própria e, acima de tudo, singular.

É aí que Freud (1914/1996) nos chama a atenção ao dizer

“Minha emoção ao encontrar meu velho mestre-escola adverte-me de que antes de tudo, devo admitir uma coisa: é difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres. É verdade, no mínimo, que esta segunda preocupação constituía uma corrente oculta e constante em todos nós e, para muitos, os caminhos das ciências passavam apenas através de nossos professores. Alguns detiveram-se a meio caminho dessa estrada e para uns poucos – porque não admitir outros tantos? – ela foi por causa disso definitivamente bloqueada.

Diante dessas nuances, é exatamente sobre isso que está além do que vemos, sobre o suposto saber, ou seja, sobre as coisas e as questões do inconsciente, que trata esse trabalho.

Apesar das idas e vindas dessa relação entre Psicanálise e Educação, algo se manteve firme: a necessidade, exposta pelos educadores e demais envolvidos com a temática e o contexto, de se pensar e lançar um olhar diferenciado àquilo que parece sempre escapar nas tentativas transmitir e fixar um saber, seja no ensino e/ou na aprendizagem, ainda que sejam realizados inúmeros planejamentos e sejam repetidas todas as lições.

Sobre o que escapa, vemos muitas questões serem postas no século XIX: *o que fazer com os alunos que parecem aprender cada vez menos? E com o saber docente que não representa mais autoridade? O que tem sido feito e esperado dos alunos: treino ou educação? A que se refere isso que não cabe no planejamento?*

Pensando nisso, a psicanálise apresenta um olhar para o inconsciente e, assim, para os sujeitos que compõem a educação, anunciando um não-saber necessário ao saber educacional, que lhe lembre do que lhe sustenta: o desejo. Ainda que se saiba de todo o conteúdo, haverá sempre algo que não sabemos: o outro e o seu desejo.

Seria ensinar um dom? O que afinal se transmite, se é que é possível falar nestes termos, entre aquele que ensina e aquele que aprende? Talvez seja aí que começam a encrespar as coisas da educação. Algo do familiar, de uma autoridade, de um saber quase que inquestionável, da ordem da passagem, do transcendental, do místico... do lugar comum, por que não. E seria assim tão simples, tão banal, tão parecido com uma “receita para bolo”, mapear o que acontece com aquele que ensina algo para alguém? Seria possível partir unicamente daquilo que intenciona “passar” para o aprendiz, para sabermos sobre o que acontece com quem ensina? E se aquele que deveria ser o aprendiz não tem a menor disposição ou disponibilidade para conhecer o que se lhe quer ensinar, como é que fica? Aqui acontece o engodo, visto que, muitas vezes, os dois pólos da equação são tomados numa certa continuidade, como se aquilo que acontecesse a um tivesse efeito direto no outro, ou seja, que o fato de que um queira ensinar garanta o aprendizado do outro (STOLZMANN; RICKES, 1995).

Será, então, que aquilo que se ensina é igual àquilo que se aprende? Com essa pergunta, laçamos como objetivo central deste trabalho promover uma discussão sobre as contribuições e olhares ofertados pela psicanálise à educação, visando contribuir para a formação dos educadores e docentes que se somam a atual realidade educacional brasileira. Para tanto, são discutidos e construídos alguns conceitos fundamentais à Psicanálise. Além disso, são considerados e debatidos os impasses e as dificuldades que caracterizam a atualidade, frente aos crescentes avanços técnico-científicos e aos consumos, assim como descartes, excessivos.

2. O PROFESSOR, O DESEJO, O SABER E O ALUNO.

“Ninguém é tão ignorante que não tenha algo a ensinar. Ninguém é tão sábio que não tenha algo a aprender” (BLAISE PASCAL).

O processo de ensino e aprendizagem sempre foi uma das pedras angulares do desenvolvimento das civilizações e, ao longo dos anos, pensando e repensando esse processo, o homem foi percebendo que grande parte do que se passava não se remetia às questões inatas, como inicialmente pensou-se junto aos filósofos gregos na Antiguidade, até o Renascimento com Descartes. Não se tratava mais, portanto, de acreditar que aprender era despertar, por reminiscência, para um saber que já estaria posto em nós; tratava-se, em verdade, de aprender através da experiência.

Passado o referido período *inatista*, irrompemos, assim, com uma nova era marcada pelas ideias e ideais *empiristas*. Passamos a crer que os seres humanos seriam como tábulas rasas, ceras sem moldes, baús vazios, prontos para serem marcados pela experiência. Essa

proposta empirista, contudo, não bastou para explicar a complexidade e a grandeza do processo de ensino e aprendizagem. Não parecia suficiente pensar que tudo estava em nós, já posto; nem que nada estava em nós, estando apenas por vir.

Foi necessário, então, lançar uma nova proposta: não se trata mais de ensino e aprendizagem, mas de reconhecer a relação ensino-aprendizagem, na medida em que há uma dissolução, com os ideais *interacionistas*, das posições de ensinante e aprendente. O saber não está dentro (inato), nem está fora (experiência), ele está entre e sempre em construção. A máxima passou ser, assim, a ideia de que todos nós aprendemos e ensinamos em qualquer que seja a situação educacional, uma vez que educar é inventar, é criar e é, portanto, ser singular.

A questão que fica é: *onde entra a psicanálise nisso tudo?* E a resposta para essa pergunta encontra-se em uma palavra: ela está na *invenção*. *O que é, afinal, que todos nós aprendemos e ensinamos?* Ao deslizarmos do inatismo, para o empirismo, na direção do interacionismo, estamos reconhecendo, antes de tudo, que há sujeitos em relação com um saber que é não-tudo, por isso mesmo sempre em construção. Há algo que acontece e que ultrapassa; que está além ou aquém da pura e consciente vontade de fazer com que alguém saia do limbo da ignorância e passe para o lado dos que conhecem... (STOLZMANN; RICKES, 1995). Dessa forma, o nascer sabendo sempre esbarrou no não-sabido e o saber advindo da pura experiência concreta, encontrava as variações dos sujeitos sempre únicos, dito de outra maneira, dos sujeitos do desejo.

O que afinal se transmite, se é que é possível falar nestes termos, entre aquele que ensina e aquele que aprende? Talvez seja aí que começam a encrespar as coisas da educação (STOLZMANN; RICKES, 1995). Os ensinamentos psicanalíticos dirigem nossa atenção para o vasto e complexo mundo subjetivo do professor e do aluno, cada qual sofrendo constantemente a pressão de seus respectivos desejos (CUNHA, 2012). Daí que o professor que acolhe o paradigma psicanalítico, não enquanto técnica, porque esta é impossível, mas enquanto pensamento, filosofia e teoria, está sempre interessado em ir além de planejar e ministrar tecnicamente uma boa aula. Seu olhar volta-se constantemente para os motivos desconhecidos que o levam a estar ali; para as possíveis razões que o motivam a relacionar-se com seus alunos desta ou daquela maneira.

O professor que considera a psicanálise pensa, ainda, o que está mais além do conteúdo prático, ou seja, pensa no que está suposto pelo aluno em sua fala, em seu desejo, entusiasmo, em seu saber. Em outras palavras, esse professor entende que o conhecimento

está sempre permeado pelo desejo; entende que se os fenômenos que dizem respeito ao ensino e à aprendizagem possuem, por um lado, componentes inscritos no campo intelectual, possuem também toda uma carga emocional, em grande parte inconsciente (CUNHA, 2012). E isso tem a ver tanto com o universo psíquico do professor, suposto “transmissor” dos saberes formalizados, quanto com o do aluno, para quem estes saberes são destinados.

Ao mostrar que os fenômenos da sala de aula são mais do que técnicos, o paradigma psicanalítico abre um caminho diferente e frutífero para os professores. Solicita-se, então, menos ênfase no método e mais preocupação com a pessoa. O profissional, sob essa perspectiva, tende a valorizar menos a manutenção do bom comportamento de seus educandos e mais a livre expressão dos que estão sob os seus cuidados (CUNHA, 2012).

A psicanálise encaminha o educador na direção do reconhecimento das limitações do processo pedagógico, tornando-o um profissional menos obcecado pela imposição de seus pontos de vista, suas verdades, seus valores morais, seu desejo de ordem e disciplina (CUNHA, 2012). Nessa perspectiva, anula-se o mestre, ou seja, anula-se aquele que tudo sabe, uma vez que não se sabe sobre o outro e, muitas vezes, nem sobre si mesmo. Anula-se, portanto, o mestre sinônimo de autoritarismo e de saber incontestável, acolhendo-se, se assim for possível, uma real perspectiva interacionista, a partir da qual o outro me mostra suas marcas e os caminhos do seu saber.

A relação do professor com o aluno, a partir daí construída, será pautada na compreensão de que os conteúdos escolares são assimilados por causa de disposições inconscientes. Não se está aqui, contudo, destituindo do professor suas obrigações e compromissos com o saber e prática docentes, como se a aprendizagem dependesse apenas das questões inconscientes.

Antes de tudo, está se enfatizando o fato de que dominar um saber acadêmico não se aproxima do desejar dominar. Planejar pragmaticamente uma transmissão, talvez não se aproxime também do desejo de transmitir. Saber por si só não basta, é preciso pensar na transmissão e no que se transmite. É preciso desejar transmitir, porque o que resta de um encontro de ensino-aprendizagem é o que o aluno supõe que o professor sabe sobre a felicidade e a completude. E isso que o aluno supõe que o professor sabe é justamente o que escorre enquanto se fala sobre a matemática, o português, a geografia, mas que não está nelas. E aqui o que ficam são mais e mais questões: será mesmo que temos transmitido (in)consciente um conteúdo ou outra coisa? Será que a transmissão tem sido do cansaço, do

desânimo, da descrença? Ou tem sido, algumas vezes, da satisfação, do desejo de saber e da esperança? De que saber se trata? O que se tem transmitido?

Para isso, é preciso pensar primeiro: *o que é ser um professor?*

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como fora discutido ao longo deste trabalho e em concordância com Cunha (2012), o paradigma psicanalítico, certamente, não comporta indicações quanto a procedimentos, técnicas ou modelos de ação pedagógica, o que caberia ser desenvolvido por especialistas em metodologia de ensino. Como paradigma, a psicanálise não passa de um referencial de compreensão do ser humano e daquilo que se passa entre os humanos.

Contudo, ainda que não sirva aos métodos, a psicanálise serve aos olhares. E seu olhar aponta que a educação, na forma escolar, ocorre na aparência, pois as questões objetivas – método, planejamento, conteúdos das matérias etc. – são o que menos importa no ato de educar (CUNHA, 2012). Para a psicanálise, há um saber que está do lado do sujeito e que não é objetivo, mas sempre subjetivo e inconsciente. O professor é, portanto e simplesmente, alguém que, embora detenha um saber, seu saber já traz a marca da impossibilidade de saber tudo.

Não há, portanto, garantias ao se planejar, mas há possibilidades ao se desejar. O educador inspirado por ideias psicanalíticas aprende, a partir disso, que pode organizar seu saber, mas não tem controle sobre os efeitos que produz em seus alunos. Abordar a educação a partir de uma perspectiva freudiana e, assim, psicanalítica, é, então, antes de tudo, buscar resposta para a seguinte pergunta: *o que se busca quando se quer aprender algo?* (KUPFER, 2005), para que se possa supor aquilo que causa no aluno o desejo de aprender. Só a partir dessa questão pode-se refletir sobre o que é o processo de aprendizagem, pois o processo depende da razão que motiva a busca de conhecimento (KUPFER, 2005).

Sabe-se, contudo, que aprender é aprender com alguém, e esse alguém com quem se aprende – o professor – é de suma importância para a relação ensino-aprendizagem. Com base nisso, Freud nos mostra que um professor pode ser ouvido ao ser revestido por seu aluno de uma importância especial. Graças a essa importância, o mestre passa a ter em mãos um poder de influência sobre o aluno. Por isso, pode-se dizer que, da perspectiva psicanalítica, não se focalizam os conteúdos, mas o campo que se estabelece entre o professor e seu aluno, no qual se estabelecem as condições para o aprender, sejam quais forem os conteúdos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, M. V. Freud: Psicanálise e Educação. In: _____ **Psicologia da Educação**, São Paulo, Unesp, 2012. Disponível em <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/140/3/01d08t01.pdf>> Acesso em 20/06/2017.

FREUD, S. Análise terminável e interminável [1914]. **Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2010.

KUPFER, M. C. **Freud e a educação**. São Paulo: Scipione, 2005.

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. **Psicanálise e educação: uma transmissão possível**. Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Porto Alegre: APPOA, 1995.

STOLZMANN, M. M.; RICKES, S. M. Do dom de transmitir à transmissão de um dom. In: REVISTA DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. **Psicanálise e educação: uma transmissão possível**. Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Porto Alegre: APPOA, 1995.